

# O FILÓSOFO ARTHUR DANTO COMO ANDY WARHOL

Marcia Tiburi

## RESUMO

O presente artigo pretende mostrar como a análise de Andy Warhol feita por Arthur Danto expõe uma espécie de meta-teoria da própria filosofia de Arthur Danto. Minha hipótese é que Danto usa Warhol para explicar a si mesmo. A relação entre arte e filosofia - questão fundamental da obra de Danto - corresponde à relação entre o próprio Danto e Andy Warhol. Em última instância, é possível que, por meio da análise dessas relações, possamos entender o nexos entre o fazer artístico e filosófico em nosso tempo, apontando para novas compreensões tanto da arte quanto da filosofia.

**Palavras-Chave:** Arthur Danto, Pop Art, Andy Warhol, filosofia contemporânea, estética

## ABSTRACT

This article aims to show how the analysis that Danto does of Andy Warhol outlines a kind of meta-theory of the former's own philosophy. My hypothesis is that Danto uses Warhol to explain himself. The relation between art and philosophy – fundamental question of Danto's work – corresponds to the relation between Danto himself and Andy Warhol. Ultimately, it is possible that, through the analyses of these relations we understand the link between the artistic and philosophical work in our timing pointing to new comprehensions both art and philosophy.

**Key-words:** Arthur Danto, Pop Art, Andy Warhol, contemporary philosophy, aesthetics

## O filósofo Arthur Danto como Andy Warhol

Neste artigo pretendo comentar aspectos do que Arthur Danto diz sobre Andy Warhol na intenção de mostrar como Arthur Danto, ao falar da arte de Warhol, constrói uma espécie de meta-teoria de sua própria filosofia. Em termos bem simples, quero dizer que, de certo modo, Danto usa Warhol para falar de si mesmo. Warhol seria, de certo modo, em termos talvez não tão simples, mas muito correntes, o “alterego” de Danto. Isso pode significar que, filosoficamente falando, Danto seja, de certo modo, o duplo de Warhol. Nosso problema aí seria entender o que pode querer dizer “de certo modo” quando comparamos esses dois personagens, considerando que são duas pessoas muito diferentes e compará-los enquanto pessoas seria um projeto inútil e sem sentido. Por isso, quero pensar evidentemente não em suas pessoas físicas, mas em suas posições como personagens culturais: Warhol como artista, Danto como filósofo. A expressão “de

certo modo” nos ajuda nesse ponto, pois por meio dela se indica no uso corrente, algum aspecto específico da relação entre uma coisa e outra. Ora, “de certo modo” indica o que é e não é, o que é sob um certo aspecto e não é, sob outro. Levando isso em conta, creio ser possível justificar a tese da meta-teoria, ou, em termos mais adequados, do meta-posicionamento, da obra de Danto e partir da obra de Warhol.

Danto vê na arte de Warhol uma posição filosófica das mais avançadas. Se sua filosofia nasce a partir de Warhol, como veremos, creio que, falando no artista, ele posicione sua própria filosofia como algo que ele não espera que seja menos avançada filosoficamente do que a arte filosófica de Warhol. O que Danto alcança em termos filosóficos desde que empreende uma investigação e uma atenção sobre Warhol é o que precisamos tem em vista.

Danto desenha um Andy Warhol totalmente seu, mas podemos dizer que é o melhor retrato que se poderia fazer de um artista como Andy Warhol cuja complexidade não poderia ser deixada de lado, justamente porque essa complexidade relaciona-se ao mais simples, ao que há de mais “banal”. Warhol fez arte a partir do mais banal, o que, por muitos motivos, jamais seria chamado de “arte” se este procedimento de denominação e de definição não fosse ele mesmo, de certo modo, artístico e filosófico. Verdade que uma definição dessas nunca é produzida apenas por uma pessoa ou grupo institucionalizado tais como filósofos e artistas. Esse tipo de definição vem de uma época, por um desejo coletivo que se expressou no que foi chamado desde então de Pop Art.

O que Danto diz sobre Warhol é um retrato que faz de Warhol enquanto artista um personagem filosófico ímpar. Esse personagem é único, mas ao mesmo tempo, ambíguo: filósofo e artista, o que ele produz em termos de obra, na visão de Danto, não tem precedentes. No entanto, creio que é possível afirmar que a filosofia de Danto, como Danto mesmo sabe, também não tenha precedentes. E não o tem porque a filosofia de Danto se deve a muito do que Warhol provocou em sua visão e posicionamento em relação ao mundo. Danto deriva de Warhol, mas não apenas em um sentido histórico como se uma teoria da arte necessariamente surgisse para dar conta da interpretação de uma obra. O que Danto diz de Warhol, o modo como desenha o retrato de Warhol, serve para que desenhe o seu próprio. Quero dizer com isso que se o procedimento de Warhol é filosófico enquanto ele é artista, o procedimento de Danto é artístico enquanto ele é filósofo.

Ora, por meio desse retrato feito por Danto sobre Warhol se pode definir o que é

um artista e um filósofo. Semelhante a Sócrates, Warhol é alguém que muda um paradigma. Pelo menos mudou o paradigma de Danto, como veremos. Essa mudança implica que o retrato feito sobre o artista é ao mesmo tempo um autorretrato do filósofo. Tendo isso em vista, creio ser possível ver em Danto um filósofo pop, do mesmo modo como Andy Warhol foi, enquanto artista, e para Danto, um filósofo pop.

Na construção desse argumento que envolve pensar a autorreferencialidade de Danto em relação a Warhol (sendo este último o eixo, o dispositivo e o objeto que permite a Danto ver-se a si mesmo, e a nós “outros” vermos Danto), é preciso levar em conta um aspecto elementar que não perde de vista o “certo modo” com o qual podemos pensar esta relação: que Arthur Dantonão foi um artista como Andy Warholé um artista, do mesmo modo como Andy Warhol não foi um filósofo como Arthur Danto foi um filósofo. Esse fato que poderia estragar o meu argumento é o fato mais importante que o justifica, justamente, por certo mecanismo sustentado na “ambiguidade” entre obra e vida, entre obra de arte e coisas ordinárias e entre artista e filósofo, sobre o qual falaremos.

Quando digo que Danto não era artista, penso em seu posicionamento profissional e institucional. Mas Dantoque fora em certo momento de sua vida um artista em sentido institucional, poderia ter continuado sendo artista, pois começou uma carreira como artista, embora tenha desistido dela. Ou seja, podemos partir do pressuposto de que Danto diz que Warhol era um filósofo, enquanto não se pode dizer que Danto fosse um artista, embora pudesse ter sido se tivesse construído outro futuro para si nesta direção. No entanto, levando a sério o argumento de Danto, vemos que ele diz que Warhol é um filósofo não em um sentido profissional ou institucional. Mas em um sentido inusual e inusitado. E até mesmo em um sentido irreverente. A irreverência da designação do artista como filósofo é, ela mesma, um ato que podemos chamar de “pop-filosófico”, um ato de Pop Art aplicado, ou incorporado, à filosofia de Danto. O que nos leva a pensar que talvez ele estivesse produzindo os seus textos não apenas com intenções analíticas em relação a Warhol, mas tentando mostrar o avanço concreto no tempo presente e o futuro da própria filosofia em relação ao advento da arte, bem como, em outro sentido, buscando entender Warhol em um sentido dialógico, tentando, digamos assim, espelhar-se nele para expor as motivações e potencialidades da filosofia enquanto tal e da sua própria.

Neste sentido é que tentarei mostrar que Danto, mesmo não sendo artista no

sentido institucional, era um artista no sentido de ser um “filósofo pop” como Andy Warhol era um “artista pop” que, enquanto artista, era filósofo. A pergunta que norteia este texto e que, a meu ver, pode ajudar a pensar o destino da filosofia contemporânea – ou o que já vem acontecendo com ela há certo tempo - é justamente aquela que se constrói levando em conta que tipo de filósofo é um artista pop para entender que tipo de artista é um “filósofo” como Danto, desde que o advento da Pop Arte de Andy Warhol como artista tem que ser levado em conta para pensar o que é a própria filosofia de Danto e, não creio seja exagero dizer, a filosofia como um todo. Em termos muito simples, podemos nos colocar a pergunta: o que é a filosofia depois da Pop Art? Que foi a meu ver a pergunta essencial que a filosofia de Danto se colocou. Mas podemos pensá-la em um sentido universal. Quem são os filósofos depois de Andy Warhol?

Esse é um problema de definição. E o problema de definição é um dos mais importantes problemas tanto para Arthur Danto quanto para o Warhol de Danto que estamos começando a analisar.

## **O artista enquanto personagem define a filosofia**

Na intenção de demonstrar minha hipótese seguirei de perto o que Arthur Danto diz acerca da Pop Art a partir de seu texto “Pop Art e Futuros Passados” (DANTO, 2006B). Neste texto analisando o “vergangene Zukunft”, “o futuro como apareceu naquele momento passado àqueles para quem ela era presente” (2006B, p. 128) ele pensa na relação tensa entre a escola de Nova York, os abstracionistas tais como Pollock, De Kooning, Rothko e outros, e os realistas. A questão de Danto é tentar entender como os realistas – que se viam sem futuro - teriam algum futuro possível diante do futuro prometido totalmente aos abstracionistas. Hoje, talvez nós não consigamos imaginar como uma figura como Hopper pudesse em sua época ser alguém meio marginal. E ele era enquanto o abstracionismo da escola de Nova York se colocava como a tendência dominante. A divisão entre abstração e realismo tinha, segundo Danto, uma “intensidade quase teológica” (2006B, p. 133). A abstração era a lei e o realismo uma prática quase herética. Bom, já neste ponto chegamos a uma questão que é preciso elaborar: Danto afirma que havia uma “correção estética” que “cumpria o papel que veio a ser desempenhado pela correção política de nossos dias”. E ele segue: “as ações de Hopper e seus companheiros transmitem a indignação e o choque que todos os livros

conservadores sobre o politicamente correto hoje provocam” (2006B, p.134). O abstracionismo era a norma estética contra a qual o realismo nada podia. E o que acontecia é que os realistas, inevitavelmente, sentiam-se ameaçados em sua existência diante da ideologização do abstracionismo. Isso não iria durar muito, porque tanto um como outro dos modos de fazer arte seriam logo superados. O que é curioso, e a meu ver não podemos deixar passar, é que Danto compare esse sentimento de ameaça dos realistas ao “modo como os professores foram ameaçados com a perda do cargo efetivo, ou ao menos sentiram-se temerosos dessa perda, a menos que seus programas e seu vocabulário de sala de aula fossem adequados” (2006B, p.134). Essa questão proposta por Danto enquanto pensa em abstracionistas e realistas, em Hopper e Greenberg, nos ajuda a entender uma questão filosófica que não é pouco importante: a questão institucional da filosofia. E neste sentido, no lugar da filosofia acadêmica em relação a outras formas de fazer filosofia. Na verdade, do ponto de vista acadêmico não há outra forma de fazer filosofia. E isso é o que a configura não apenas como instituição escolar, mas como “instituição” legal no sentido “falocêntrico” do termo. Do mesmo modo que, para pintores acadêmicos, a arte ou seria acadêmica - e seria pintura -, ou não seria nada, a filosofia ainda hoje ou é acadêmica ou não é nada. Se pensarmos a filosofia acadêmica em sua metodologia dominante que se propõe como “história da filosofia”, qualquer outra forma de fazer filosofia parece absurda. Pois bem. Aqui é que o argumento de Danto se torna mais interessante, porque é neste lugar da disputa entre os defensores dos expressionistas abstratos, como Clement Greenberg, e seus oponentes, aqueles que defendiam ainda o realismo, que as coisas se tornam surpreendentes. As tendências estavam preocupadas com seu próprio futuro e não percebiam o que estava acontecendo em seu tempo presente. E foi aí, justamente, que as coisas aconteceram de um modo inesperado para todos. A Pop Art surgiu aí neste exato ponto, como que de surpresa. Danto comenta que a Pop Art nasce meio ligada ao expressionismo (“impulsos dissimulados sob respingos e escorrimento de tintas”), mas logo afirmando-se como algo particular. Ao mesmo tempo, os artistas do movimento Pop se interessam por Hopper, não faltando quem visse nele um precursor do movimento. Neste ponto, devemos voltar à comparação que fiz com a filosofia acadêmica ou institucional: não podemos dizer que haja um equivalente no mundo da filosofia acadêmica entre realismo ou abstracionismo, como filosofia crítica ou analítica, hermenêutica ou fenomenológica. Não se trata, no caso dos movimentos

filosóficos da tradição que conhecemos, de uma disputa por pontos de vista ou por tendências que, dentro dos cursos, se estabelecem por afinidade. Mas talvez a Pop Art esteja acontecendo na filosofia e, perdidos entre “abstracionismos” e “realismos”, estejamos perdendo o que mais importa ter em vista, não mais na arte, que costuma estar adiante da filosofia, mas na filosofia que, desde que foi inventada, sempre chega tarde em relação à arte. Quero dizer com isso que o que Danto— para quem as mudanças culturais se manifestam primeiro na arte (DANTO, 2008, p. 27) nos mostra é que alguma coisa que ficou velha na arte também pode ter ficado velha na filosofia.

Danto vai até a história da pintura nos anos 50 e começo dos 60 para mostrar que a questão da Pop Art é muito mais delicada. Ela é mais do que histórica, no sentido da narrativa da história como grande narrativa. Ela é filosófica. É justamente neste sentido filosófico que a Pop Art seria, para Danto, o “movimento de arte mais crucial do século” (2006B, p. 134). É neste sentido que ele também dirá que a Pop Art desempenha “o papel filosoficamente principal” na narrativa da história da arte moderna (2006B, p. 135) que ele também ajuda a construir sobretudo ao levantar a questão do fim da arte. Do mesmo modo é que ele afirmará que “a pop marcou o fim da grande narrativa da arte ocidental ao trazer à autoconsciência a verdade filosófica da arte. Que ela foi uma mensageira improvável da profundidade filosófica é algo que prontamente reconheço” (2006B, p. 135) afirma Danto, com todas as letras para que se entenda de uma vez e sempre seu posicionamento.

Danto diz tudo isso acerca da Pop Art para poder contar sua própria relação com a história na qual nasceu a Pop Art, mas insere-se neste ponto, de um jeito muito peculiar, no qual creio ser possível reconhecer a banda de Moebius que se cria entre o artista e o filósofo definindo, ao mesmo tempo, o lugar mutuamente criado do artista e do filósofo. Creio que é neste ponto, com o nascimento da Pop Art que Danto consegue inscrever seu lugar como pensador que é artista, embora seja pensador. Danto, neste texto, pede licença para inserir-se na narrativa como alguém que viveu aquele momento, alguém cujo testemunho nós temos que valorizar enquanto leitores respeitosos. Ele conta essa história em outros textos, sempre no mesmo tom, mas aqui ele é bem definitivo. Ele justifica o modo como vai se apresentar, afirmando que “artistas, quando mostram seus slides e conversam sobre seus trabalhos, de um modo característico relatam momentos decisivos em seu desenvolvimento” (2006B, p. 136). Ele fará o mesmo. Danto justifica que sua vida como filósofo começou no momento em que foi convidado a falar sobre a Pop Art. Ele mesmo conta como deveria ter sido artista (e aí

avalia o seu *vergangeneZukunft*) e como acabou sendo filósofo. Relatando sua vida naquele momento, ele comenta como seu trabalho como artista não cabia nem no abstracionismo, nem no realismo. O surgimento da Pop Art, que Danto descobriu por meio de uma revista de arte, o que era comum naquela época, o deixou, como ele mesmo afirma, “aturdido”. A ponto de que ele deveria se tornar filósofo, o que já vinha fazendo, deixando de ser artista no sentido institucional. Penso que se pode dizer que ele não poderia ser um artista como Andy Warhol era, mas havia nele algo de artista que permitia que ele fosse um filósofo como Andy Warhol.

A meditação de Danto, neste ponto, é bem importante para os fins dessa reflexão. Em suas palavras ele diz “eu sabia que se tratava de um momento surpreendente e inevitável, e compreendi imediatamente, em minha própria mente, que, se era possível pintar algo como aquilo (...) então qualquer coisa era possível” (2006B, p. 136). Para Danto, a questão do futuro das artes, das correntes, havia se dissipado. E ele segue dizendo “para mim, isso significava que não havia nenhum problema, *como um artista*, fazer o que quisesse fazer” (grifo meu, p. 136). O texto neste ponto, fica um pouco truncado. Mas podemos considerar que Danto fala de si como “um artista” que ele de fato era, para em seguida dizer que “a partir daquele momento eu era obstinadamente um filósofo”. Um filósofo era o efeito de um artista que poderia *fazer o que quisesse*. O que ele quis fazer, como artista, a meu ver, foi tornar-se filósofo. Depois, ele conta que em 1984 passou a ser crítico de arte. O que fez Danto querer ser filósofo – e depois crítico de arte - e deixar de lado a carreira de artista no sentido institucional, pode ser, e certamente é, uma pura escolha pessoal. Mas é também mais do que isso. Danto está, na construção de sua avaliação crítica sobre a parte importante não apenas na narrativa do artista, mas na autonarrativa do filósofo que deixou de ser artista e passou a ser um filósofo, ao mesmo tempo agindo como artista na produção de uma filosofia. O crítico de arte que ele foi era um modo de ser filósofo diante da arte, não sendo mais artista, mas isso só foi possível quando ele agiu “como artista” fazendo o que quisesse fazer. Danto percorre toda a banda de Moebius que ele constrói com Warhol para ser uma coisa sendo outra, do mesmíssimo modo que Warhol é filósofo enquanto artista e que a obra de arte é uma coisa que não se parece nada com uma obra de arte desde que Warhol decidiu fazer coisas como obras de arte.

Ora, Andy Warhol é, na visão de Danto, um artista como filósofo. Danto, neste momento, se espelha no modo como se expressa o artista quando faz a sua narrativa, e

no advento da Pop Art como um momento impressionante, para pensar a si mesmo como filósofo enquanto há ainda nele algo de artista. Algo considerável filosoficamente porque metodologicamente interessante. Ora, Danto conta ao leitor que muda o sentido de sua escolha profissional, ou seja, deixa de ser artista, justamente no momento em que descobre a Pop Art. Deixa de ser artista para tornar-se filósofo em um sentido muito próximo do ato e da performance geral de Andy Warhol que era o artista enquanto filósofo. Danto passa de um lado a outro, do mesmo modo que percebe que, conscientemente ou não, Warhol o faz. Isso fica claro no texto sobre “O filósofo como Andy Warhol” (2001, p. 107) quando ele fala que o elemento filosófico da Pop Art que encantou Danto elaborou-se como um “via negativa”. Danto afirma que Warhol não disse o que era arte, mas “abriu caminho para aqueles cujo trabalho fosse providenciar teorias filosóficas”, ou seja, abriu pela via negativa, sem imaginar, caminho para ele, Arthur Danto que é uma espécie de continuador de Warhol: se o artista é filósofo, o filósofo também é artista.

De um lado, parece claro que Danto não poderia ter se tornado filósofo se a Pop Art não o tivesse impressionado tanto a ponto de que ele tenha deixado de ser artista em sentido institucional e estrito quando ela surgiu. Que surja um filósofo na via negativa do artista é algo que parece estar claro. De outro lado, por Andy Warhol ser um personagem tão fundamental nesse processo, de um lado ele parece o alter ego de Danto, de outro ele é o personagem emblemático, como um dia foi Sócrates, e paradigmático do gesto que, de algum modo ou por diversos caminhos, de certa maneira “forma” ou “faz” de alguém um “filósofo”. Sem dúvida que está em jogo aí a compreensão do que é filosofia, de quem é o agente da filosofia, de quem a põe em cena, de quem a aciona. Ora, quem define o que é filosofia e quem pode ser o filósofo depois que aprendemos que o discurso filosófico é altamente sofisticado e ligado ao poder de dizer a verdade? Até Warhol as coisas pareciam decisivas, mas a história não tinha acabado. Nem a da arte, nem a da filosofia. Poderíamos a partir de Andy Warhol pensar não apenas um fim da história da arte como fez Danto, mas também um fim da história da filosofia como grande narrativa? Penso que não é nada absurdo pensar que Danto nos leva a este desafio.

Andy Warhol é o personagem de Danto. Ele o tem em tão alta conta que sabe perfeitamente que mesmo que Andy Warhol não tenha definido a arte, conseguiu com suas brincadeiras mostrar “como a forma da questão filosófica deve ser” (2001, p. 106). A forma da questão filosófica já havia sido discutida por Wittgenstein com a proposta



das “piadas” das quais Danto tanto gosta. Mas também no retorno ao ordinário e aos “conteúdos desprezados e rejeitados” (2001, p. 110). Aqueles conteúdos banais ligados à simples vida. Andy Warhol como artista foi muito importante para a arte, mas igualmente importante para a filosofia que, até hoje, não percebeu a importância das questões postas em cena por Warhol. Wittgenstein seria quem mais teria se aproximado disso. E, diz Danto acerca de Warhol: “fazendo isso, ele invalidou alguns milênios de investigações indevidamente conduzidas”. Danto não explica muito bem como, mas segundo ele “foram as imagens do pop que o habilitaram a fazer isso”. Creio que isso pode ser explicado se compararmos Warhol com Sócrates não porque ele tenha feito nada de semelhante a Sócrates em termos de temas ou métodos, mas porque como Sócrates ele foi um personagem que criou a maioria das questões filosóficas que conhecemos. Quero dizer com isso que Warhol está para Sócrates assim como Danto está para Platão. Danto poderia ter dito isso sobre Wittgenstein, mas Wittgenstein não foi tão longe quando Warhol. Warhol fez a Brillo Box e isso muda tudo o que se pensava sobre arte, mas também sobre filosofia e algumas de suas questões mais cruciais.

Danto comenta o momento em que encontrou a Brillo Box quase num tom testemunhal. A Brillo Box é um verdadeiro talismã filosófico para Danto. Em seu livro chamado *Andy Warhol* (2012) ele simplesmente afirma ter “amado” a Brillo Box (p. 14) num tempo em que muitos diziam que aquilo não era arte. Ele a comenta muitas vezes. A Brillo Box talvez seja, em termos de imagem, tão emblemática da filosofia como uma dia foi a famosa Navalha de Ockam. Danto dedica a esta Brillo Box páginas e páginas de seus livros. É como se ela fosse não uma caixa, mas a verdadeira pedra filosofal da contemporaneidade, de um tempo pós-histórico para a arte e para a vida como um todo. Se Warhol foi, segundo Danto, um adorador do ordinário, Danto também o é e é um adorador do modo como Warhol sem querer colocava questões nada ordinárias a partir de coisas ordinárias. A Brillo Box é esta coisa que reúne ordinário e extraordinário no mesmo tempo e espaço impedindo-nos de decidir o que pesa mais. Warhol colocou em alta o mundo banal com esta caixa de sabão que é uma obra de arte e é esse mundo banal que ele “celebrou do jeito que ele era” (2001, p. 109). E assim confundiu tudo. E nessa confusão conseguiu não apenas transformar a arte em reflexão filosófica, mas a vida em arte, digamos assim. A vida é o que se pensa em última instância quando se vê uma caixa de sabão Brillo que não é uma caixa de sabão Brillo. Danto percebeu bem

cedo que essa era a questão de Warhol, a relação entre as coisas bobas da vida e as coisas não bobas da vida que queremos representar por meio das chamadas “obras de arte”. Ele viu que alguma coisa nova - realmente nova, seja lá em que sentido se possa dizer isso - tinha aparecido, deixando outras coisas realmente velhas.

Uma dessas coisas velhas, era o debate de seu tempo. Danto viu que “a inteira estrutura do debate que havia definido o cenário artístico de Nova York até aquele ponto deixara de vigorar” (2006B, p. 137). Neste ponto do texto que citamos acima, ele comenta que todas as teorias discutidas até então, não davam conta do novo fenômeno. Vemos que o velho problema da “obra de arte” e da “arte” continua em cena. Danto pretendia dar conta dessa coisa nova que os outros não estavam dando conta. Mas o modo como o fez define, a meu ver, não apenas uma tarefa hermenêutica da filosofia – em particular da estética - em relação à arte, mas uma modificação no próprio lugar ocupado pelo filósofo enquanto alguém que se desloca do seu lugar para poder ocupar um outro lugar. É este deslocamento que se trata de levar a sério.

Neste sentido, é que me parece claro que se Danto fala de “O filósofo enquanto Andy Warhol”, para compreender o que ele quer dizer e o efeito do que ele diz, podemos também falar de “O filósofo enquanto Arthur Danto”, mas desde que levemos em conta que antes - e atravessando esse posicionamento filosófico - há “O artista enquanto Arthur Danto”. “O artista enquanto deixou de ser artista”. Um jeito de entender isso é dizer que o filósofo – seja lá o que isso queira significar - não será mais o mesmo depois do advento da Pop Art. Outro jeito de pensar é o seguinte: assim como o filósofo não existia antes de Sócrates, ou existia de um modo diferente, ele não é mais o mesmo depois da existência de Andy Warhol. Ou pelo menos do Andy Warhol de Arthur Danto. E quem encena essa nova performance é justamente Arthur Danto. Lendo Danto conseguimos entender quem é esse filósofo depois da Pop Art, depois, sobretudo, de Andy Warhol. Isso nos leva a pensar junto com Danto, mas sobretudo “depois” de Danto. Essa ambiguidade entre Warhol e Danto pode ser proveitosa como poderemos ver.

Depois de Arthur Danto o filósofo pode se colocar questões tais como a do lugar do artista quando, deixando de ser artista, deslocando-se de seu lugar, ele se torna filósofo. Em 1964, Danto escreve seu artigo inaugural como filósofo da arte, “O mundo da Arte” (2006A) que, segundo ele, nunca foi citado para a discussão sobre o Pop, mas que se tornou, segundo suas palavras “a base para a estética filosófica da segunda metade do século 20” (2006B, p. 137). Danto diz isso avaliando a distância entre os

mundos da arte e da filosofia, por mais que esses mundos sejam filosoficamente próximos. A grande relevância da Pop Art será, para Danto, que por meio dela é que “a arte mostrou qual era a questão propriamente filosófica sobre si mesma” (2006B, p. 138), aquilo de que a forma de Warhol fazer arte é a forma própria das questões filosóficas. Danto traduz essa questão levando em conta a velha teoria platônica sobre a arte: “o que faz a diferença entre uma obra de arte e algo que não o é, se, na verdade, ambos se parecem exatamente?”. Danto afirma que essa diferença não pode ser colocada se “alguém pudesse ensinar o sentido de “arte” por meio de exemplos, ou enquanto a distinção entre arte e realidade parecesse perceptual, como a diferença entre a pintura de uma cama em um vaso e uma cama real” (2006B, p. 138). A questão que é superada é a mimesis com a qual Platão e toda uma tradição até Vasari (arte representacional) e depois até Greenberg (condições para a identificação da arte). O que a Pop Art coloca em cena é um outro mundo da arte que a própria arte não conseguia ver até a Pop Art, na qual a necessidade de uma identidade filosófica para a arte não estava mais em jogo (daí o fim da arte e da história da arte enquanto grande narrativa sobre a arte). Diante dessa nova fase, como sabemos, o que importava para Danto é que “os artistas estavam livres para fazer tudo o que desejassem fazer”. Os filósofos também.

Se a história da arte estruturada como narrativa tinha se acabado, valeria a pena colocar a mesma questão para pensar a filosofia: que a história da filosofia enquanto grande narrativa explicativa também tenha se acabado desde Warhol e desde Danto enquanto continuador de Warhol. A filosofia que surge a partir de Danto – o artista enquanto filósofo, e, mais ainda, o filósofo enquanto artista – implica a possibilidade do filósofo estar livre para fazer “tudo o que desejasse fazer”. E o que Danto deseja fazer? Ele fez o que ele desejou, como sabemos, ele virou filósofo. O modo como conseguiu isso foi uma teoria da arte que o coloca em espalhamento com o artista. Mas isso nos lega uma questão: se o artista de certo modo equivale ao filósofo – e vice versa – a Pop Art pode corresponder a um novo “movimento” na filosofia? Ela poderia dizer respeito à algo como Pop Filosofia?

Ora, assim como Danto entende que Warhol era pós-histórico no sentido de Marx e Engels – aquele tempo em que se poderá fazer coisas como pescar e escrever sem ter que ser pescador ou escritor. Do mesmo modo, se tentamos entender o empreendimento filosófico de Danto, talvez seja possível perceber que ele está

interessado naqueles que “não são o que são e são o que não são”. Ele está interessado nesse tempo que está para além da “identidade”. Um tempo em que ele mesmo será filósofo ou artista sem precisar ser filósofo ou artista. Ou seja, ele está interessado em um poderoso deslocamento que altera o sentido de uma identidade. O surgimento da Pop Art tem a ver com o tempo pós-histórico em que o fim da história põe as coisas todas – inclusas identidades em geral - em outro lugar. Esse tempo que podemos resumir como sendo um tempo de crise de identidades, um tempo em que a cultura também foi vivida como contracultura, implica outra arte e, até mesmo uma outra filosofia que não se distinga mais da arte ou das outras atividades da vida. Um tempo em que a irreverência entra em cena, forjando o próprio termo “Pop” e que põe a irreverência como uma prática comum é um tempo a ser pensado. Talvez este seja um tempo cínico em que não há mais lugar para falsificações. A Pop Art será, para Danto, parte de “um momento cataclísmico” (2006, p. 146) que põe em cena outros valores e desejos e não necessita mais de grandes ídolos e de grandes sistemas de pensamento explicativos do mundo.

## **Transfiguração**

Um conceito fundamental na obra de Danto pode dar conta do sentido de Pop pelo qual ele mais se interessa e que, creio, explica a sua posição como filósofo enquanto artista. Trata-se do conceito de transfiguração.

Neste ponto, gostaria de pensar o conceito de transfiguração em 2 sentidos. Em primeiro lugar no sentido próprio de Danto, tendo em vista o que ele diz de algum emblema da cultura popular que se transforma em arte. Não se trata, portanto, do Pop enquanto elemento que é colocado na arte elevada, como uma citação de um cartaz ou jargão publicitário como nas pinturas de Hopper, por exemplo. Mas de seu potencial transfigurativo como quando a imagem de Marilyn Monroe é colocada numa moldura dourada e transformada em ícone. Danto fala da transfiguração como um conceito religioso. E neste ponto ele oferta o seu sentido mais essencial: a “adoração do comum” (2006B, p. 142). A adoração do comum é a própria transfiguração. Coisas do campo do “comum”, coisas “comuns”, “coisas que significavam muito para as pessoas” (2006, p. 143) foram alçadas a temas da arte e, assim, elevadas a um lugar respeitável simbolicamente. Neste ponto, o conceito de transfiguração que quero usar pode ser

aplicado não apenas a coisas comuns, mas também a pessoas comuns, ou a designações e classificações comuns. O lugar que o próprio Andy Warhol ocupa no panteão de Danto tem a ver com o fato de que Danto transfigurou um artista em filósofo. Andy Warhol era um artista muito ordinário. O artista mais banal que poderia haver. Andy Warhol estava longe de ser um virtuose, um gênio no sentido corrente. Ele parecia, neste sentido, o mais comum dos sujeitos. O mais comum dos sujeitos que gostava dos mais comuns dos objetos. Foi o artista ligado ao mais comum – ele mesmo comum, mas também alguém que era já um “adorador” do comum - que guardava um potencial inusitado e altamente filosófico. Danto percebeu esse potencial transfigurador em Warhol. Warhol não era bem isso nem bem aquilo. Warhol era, neste sentido, sua própria obra: “aquele persona era ela mesma um de seus trabalhos” (2001, p.114). Por meio desse procedimento, de mostrar o potencial de transfiguração de Warhol, ele transfigura seu objeto comum e ordinário que é Andy Warhol na prática. É deste modo que podemos dizer que depois de Danto, Warhol nunca mais será o mesmo, assim como depois de Warhol, Danto como filósofo pode passar a existir em um novo sentido, não sendo nunca mais o mesmo. Danto não apenas se coloca diante de seu “duplo”, sendo ele mesmo sujeito e objeto de Warhol. A ambiguidade os une num jogo de espelhamento em que definir um e outro se torna mais complexo do que parece porque um já não existe sem o outro. E consegue, neste lance de dados involuntário, sinalizar para a filosofia que se faz – ou que se pode fazer - em nossos dias.

O que digo aqui faz sentido se percebermos que, na sequência desta argumentação de Danto, sobre o futuro passado da Pop Art, Danto segue explicando qual seria a “contrapartida filosófica” da Pop Art. Para justificar isso ele usa um argumento de Panofsky ao comentar a unidade de certas manifestações da cultura. Danto falará de uma tonalidade comum entre artes visuais e filosofia em meados do século 20. A filosofia analítica de Wittgenstein e Austin seria aquela que sinalizaria para certo “fim” da filosofia enquanto metafísica. Danto cita Austin para falar do arsenal de “palavras comuns” que interessam a um filósofo como ele, preocupado com coisas fundamentais e, ao mesmo tempo, as mais simples da vida, como o ato de falar e tentar entender o que se diz. Danto comenta que a filosofia depois do fim, assim como a arte depois do fim, poderiam se colocar a serviço da humanidade de um modo direto. E ele dá como exemplo a mosca a sair da garrafa de Wittgenstein, que é o equivalente contemporâneo da alegoria da caverna de Platão. De comum entre Pop Art e a filosofia

analítica está o fato da revolta contra a tradição em nome da vida real. Ambas são criações culturais libertadoras. Contra a metafísica, contra a religião, contra as utopias distantes, o sentimento geral das pessoas dentro da cultura quando surgiu a Pop Art era de algo urgente. A Pop Art foi o nascimento de uma nova consciência quanto aos “benefícios da vida comum”. E, em Danto, isso será altamente político, porque sem essa consciência, que a própria televisão trouxe para a Alemanha oriental, por exemplo, não haveria queda do Muro de Berlim. É, portanto, a “mudança na trama da sociedade” o que está em jogo. Quando surge a Pop Art ela aparece como a irrupção de um modo de ver o mundo totalmente outro enquanto ao mesmo tempo ficamos atentos, ligados e irônicos em relação ao próprio mundo. Se a arte antes olhava para um mundo que não estava presente, o outro mundo da arte, o mundo da Pop Art é um mundo totalmente presente, exposto na superfície que é suficientemente profunda para um filósofo artista e para um artista filósofo.

### **A transfiguração - Andy Warhol ou Arthur Danto**

Em seu texto “O filósofo como Andy Warhol” (2001) Danto faz uma brincadeira falando da inteligência filosófica de Warhol que para ele tinha uma “grandeza extasiante”. Segundo Danto, “ele não tocava alguma coisa sem com isso também tocar as fronteiras do pensamento, pelo menos do pensamento sobre arte” (2001, p. 100). Ainda, segundo Danto, Warhol contribuiu para a história da arte colocando “a prática artística no nível de uma autoconsciência filosófica jamais atingida”. Danto citará a famosa ideia de Hegel acerca do “Espírito Absoluto” quando arte e filosofia são dois momentos que coincidem. Warhol, o mais debochado e aparentemente superficial dos artistas teria conseguido uma coisa tão pomposa como essa, mas sem pompa alguma. Danto tentará falar da estrutura filosófica da arte de Warhol, mas fará não procurando a narrativa grandiosa da história da arte da qual ela faria parte, e sim, buscando entender o que ele afirma como “pensamento que ela nos trouxe à consciência” (2001, p. 100). Levando a sério Warhol como filósofo, Danto diz que ele “violou todas as condições tidas como necessárias a uma obra de arte mas, ao fazer isso, revelou a essência da arte” (p. 100). É neste sentido que a Pop Art traz uma consciência à tona, uma consciência da arte como filosofia.

No texto citado encontramos a exposição da lógica do procedimento artístico

de Warhol que explica porque esse procedimento é filosófico. A ambiguidade é a questão de Warhol enquanto é explorada por Danto. Trata-se da ambiguidade entre arte e realidade. Os exemplos de Danto são o filme Empire ea inevitável Brillo Box. O filme é por demais conhecido: o edifício Empire State é filmado por horas sem que nada aconteça. Para explicar a ambiguidade como “método” de Warhol, Danto usa um exemplo imaginário de um filme feito a partir do livro “Ou/ou” de Kierkegaard no qual aparece apenas a página de rosto do livro. A ambiguidade que interessa a Danto é aquela que se verifica no livro enquanto “objeto físico” e enquanto “objeto significante”. Warhol explica que “essa ambiguidade transfere-se imediatamente para o conceito de alguma coisa ser baseada em algo” (2001, p. 101). Lembremos da questão posta um pouco antes, o fato de Danto ser baseado em Warhol. Então, Danto aproveita para explicar isso com um aforismo de Warhol:

“o que os filósofos tem a dizer sobre a realidade é normalmente tão desapontador quanto uma vitrine em que se lê um letreiro dizendo ‘Passa-se roupas aqui’. Se você entrasse com as suas roupas para ser passadas ali se sentiria um idiota, porque era apenas um letreiro que estava sendo comercializado”.

A coisa e a mensagem que ela manda demonstram uma ambiguidade que é ao mesmo tempo uma brincadeira sobre a qual as obras de Warhol se erigem. O exemplo do filme feito a partir do livro “Ou, ou” nos faz saber que Danto explora o método de Warhol inserindo-o no seu jogo com a filosofia. Também ele quer brincar. Também ele é capaz de inventar. Afinal ele é um filósofo que só pode sê-lo enquanto é um efeito dos procedimentos filosóficos de Warhol. Ele é um filósofo que leva a sério o trabalho filosófico “como artista”. Na sequência Danto assume a brincadeira dando o exemplo de um homem que fosse a um mercado buscar uma caixa de sabão Brillo e tivesse entrado numa galeria onde a obra estivesse exposta valendo uma fortuna, e de outro homem que fosse a uma galeria procurando as caixas de Brillo sendo que, na verdade, teria entrado no mercado onde elas não valiam muito. A ausência de diferença perceptual poderia desapontar os visitantes da Galeria Stable onde a obra foi exposta em 1964 em seus propósitos de verem uma obra de arte e encontrarem uma mera coisa, embora a obra de arte não fosse uma mera coisa no sentido da mera coisa. Danto comenta esse problema para levantar a questão de que se a arte enviava ao sublime e extraordinário, Warhol faz a arte remeter ao “banal” e ao ordinário encontrando nesse novo modo de ser algo totalmente outro. O mais interessante desse tipo de exemplo é que arte e realidade

entram em um jogo que confunde tudo. As Brillo Box “se apropriam de uma indagação filosófica entre arte e realidade, questionando, com efeito, por que, se elas são arte, as caixas de Brillo no supermercado, que não tem nenhuma diferença perceptível delas, não o são” (2001, p. 103). É, para Danto, o critério perceptivo que animou a arte por séculos e séculos o que cai por terra. A brincadeira baseada na ambiguidade põe em cena um outro jeito de pensar a arte e a vida.

A meu ver, essa brincadeira por ambiguidade acontece já no primeiro livro de Danto que leva justamente o título de “A Transfiguração do Lugar-Comum” e que foi publicado em 1981. No prefácio desse livro Danto conta sobre o título do livro. Ele teria copiado o título de um livro escrito por uma “freira de passado duvidoso” que era personagem de um romance de Muriel Spark. O livro escrito por essa freira se chamava justamente “A Transfiguração do Lugar-Comum”. Ele comenta que esse livro que ele queria que se tornasse famoso também fosse uma transfiguração do lugar comum enquanto o próprio livro era um objeto comum que transfigurava o comum. O livro era a Transfiguração que ele almejava. Aquilo que Warhol teria feito com sua obra, Danto queria fazer com seu livro. O próprio livro “A Transfiguração do Lugar-Comum” é ao mesmo tempo que uma brincadeira, um modo de colocar a questão filosófica depois de Warhol. Ele é uma citação do livro de Spark e do livro da freira no livro de Spark. É uma brincadeira com camadas de significação. Mas é também a própria coisa que não é mais a mesma coisa. “A Transfiguração do Lugar-Comum” é como a Brillo Box e como o filme Empire. Ele é, não custa repetir, a forma própria da questão filosófica tal como Danto descobriu em Andy Warhol. Por isso, não apenas o conteúdo complexo, que não há espaço para resumir aqui, mas a própria capa, a superfície, importa tanto para Danto.

Contando sobre as capas de seus seríssimos livros anteriores Danto nota como escolheu a capa de “A Transfiguração do Lugar-Comum”, o que a meu ver, deflagra seu procedimento artístico – baseado na brincadeira da ambiguidade - no gesto de transfigurar o lugar comum que é o livro da transfiguração do lugar comum:

“pensei em usar a imagem de uma das pinturas de Jim Dine, onde se vê uma gravata listrada pintada acima das palavras ‘Universal Tie’. O título ‘Universal Tie’ nos pareceu deliciosamente ambíguo, aludindo simultaneamente às gravatas que os homens usam no mundo inteiro quando querem estar bem vestidos e a um conceito filosófico – o de causalção universal, que liga tudo o que há no mundo em um único sistema. E uma gravata na sobrecapa se prestava a um trocadilho visual. O livro deveria ter muitos exemplos tirados da arte contemporânea e um estilo ágil e recheado de piadas. (2005, p. 14)

Ele segue dizendo que queria fazer um livro só com piadas, como teria sido a



sugestão de Wittgenstein. Oportuno e eterno, como, segundo Danto, deveria ser a filosofia. Mas ele declara que o livro deveria ter um “duplo enfoque”: “mais filosófico do que a maioria dos livros escritos para leitores não versados em filosofia” e “mais voltado para as preocupações correntes do mundo da arte do que a maioria dos livros escritos para um público de filósofos” (p. 14). Danto conta nesse livro a mesma história sobre o momento de nascimento da Pop Art explicando seu lugar naquele momento histórico. Mas aqui ele explica que não tinha interesse de fazer Pop Art – como artista ele era por demais ligado à visão da pintura dos artistas dos anos 50 – enquanto ao mesmo tempo se interessava demais pela Pop Art. Assim, experimentando também uma certa ambiguidade em relação à arte é que ele escolhe seguir fazendo filosofia. A arte se torna uma espécie de pano de fundo da experiência filosófica de Danto.

De fato, ele repete a história toda contada no texto sobre Pop Art e futuros passados (2006B). Mas neste livro seu lugar como artista fica ainda mais claro, não mais como artista visual, ou pintor, mas como escritor, alguém interessado em “uma prosa de qualidade estética”: “se alguém decide tornar-se escritor, é melhor que tenha gosto pelas palavras” (2005, p. 13). E arremata: “não me parece haver nenhuma incompatibilidade entre a verdade filosófica e a habilidade literária”.

É por conta desse exercício de liberdade literária enquanto liberdade filosófica que Danto escreverá o seu *Transfiguração* como um diálogo com personagens que toma como modelo o romance “Jacques, o fatalista” de Diderot. Isso é inusitado em Danto, mas é o seu gesto inaugural como filósofo, o momento em que ele publica seu grande livro. Assim, buscando uma teoria da arte como teoria da representação e percebendo que a arte não era uma representação como qualquer outra Danto chega à conclusão de que a obra de arte é um veículo de representação que “corporifica” seu significado. Eis o que é o livro da *Transfiguração*. Danto mesmo afirma jamais ter desenvolvido esse conceito de corporificação e aponta para a chave para compreender a corporificação que seria a interpretação como uma tarefa do crítico. No mesmo livro ele falará que a “interpretar uma obra é propor uma teoria sobre o assunto de que ela trata, sobre seu objeto” (2005, p. 183) levando em conta elementos que podem ser identificados no quadro sem ao mesmo tempo projetar na obra de arte alguma coisa que lhe é exterior. Isso nos faz pensar que, aplicando sua própria teoria a ela mesma, a transfiguração é a própria “coisa” da transfiguração. Interpretá-la é dar-se conta do que ela é. É prestar atenção no que ela nos apresenta.

Para concluir, gostaria apenas de levantar ainda um aspecto. Ora, a obra, qualquer obra, nos apresenta alguma coisa. Danto nos apresenta Warhol enquanto o representa. O Andy Warhol de Arthur Danto poderia ser também o Arthur Danto de Andy Warhol. Warhol nos faz pensar na própria teoria de Warhol em seu famoso livro de filosofia chamado “A filosofia de Andy Warhol, de A a B e de volta a A”(2008), começa com um texto de introdução que traz um subtítulo sugestivo: “Como Andy assume seu Warhol”. Creio que podemos usar este subtítulo para pensar “Como Arthur assume seu Danto”. Penso neste caso na relação entre A e B exposta por Warhol, na sua maneira debochada, mas também irônica, e neste sentido ambígua, de dizer uma coisa dizendo outra. De dizer desdizendo. A e B são, neste caso, personagens que explicam bem a ambiguidade e, neste sentido, também a transfiguração enquanto ato por meio do qual uma coisa torna-se outra coisa: o comum não é mais comum, o incomum fica comum, o banal que é deplorável pelos artistas e que seria tarefa da arte revelar torna-se adorável. E adorável teologicamente falando. Isso pode ser visto no texto de Warhol quando o personagem A se explica a B: “eu sou tudo o que meu álbum de recortes diz que eu sou” (p. 23). B é alguém, sabemos pela narrativa de A com que começa o texto. A, segundo ele mesmo, não é ninguém. B ajuda A, segundo A, a matar o tempo. Mas isso tudo o que A diz de si mesmo e de B é só um jeito de Warhol debochar de tudo, de todos os que se levam a sério, debochando de si mesmo.

Danto não foi o A nem o B de Warhol, pode parecer que ele se levou mais a sério do que Warhol, mas por isso mesmo é que não se levou tão a sério. O modo como Danto levou a sério Warhol na contramão de tantos, sobretudo se levamos a sério o que a filosofia institucional e acadêmica pensa de si mesma e o lugar subalterno em que põe a estética, então Danto foi o mais debochado dos filósofos. Ele foi o próprio filósofo enquanto Andy Warhol que ele procurou entender. Que possamos a partir dele entendermo-nos a nós mesmos, é uma questão a pensar se quisermos, também nós, construir uma filosofia para o nosso tempo.

## REFERÊNCIAS

- DANTO, Arthur. **A Transfiguração do Lugar Comum**. Vera Pereira. São Paulo: Cosacnaify, 2005.
- DANTO, Arthur. **Andy Warhol**. Trad. Vera Pereira. São Paulo: Cosacnaify, 2012.
- DANTO, Arthur. **O filósofo como Andy Warhol**. Originalmente publicado em

- Philosophizing Art. Selected Essays. Berkeley: University of California Press, 2001. P. 61-83. <http://www.cap.eca.usp.br/ars4/danto.pdf> pesquisado em 29/04/2014.
- DANTO, Arthur. **O Mundo da Arte**. In Artefilosofia. Ouro Preto. N1. P. 13-25. Julho 2006 A [http://www.raf.ifac.ufop.br/pdf/artefilosofia\\_01/artefilosofia\\_01\\_01\\_mundo\\_arte\\_arthur\\_danto.pdf](http://www.raf.ifac.ufop.br/pdf/artefilosofia_01/artefilosofia_01_01_mundo_arte_arthur_danto.pdf) Pesquisado em 30/04/2014.
- DANTO, Arthur. **Pop Art e Futuros Passados**. In **Após o Fim da Arte. A Arte Contemporânea e os Limites da História**. Trad. Saulo Krieger. São Paulo: EDUSP, Odisseus, 2006 B.
- FEITOSA, Charles. **O que é isto – Filosofia Pop? In Nietzsche e Deleuze**. Org. Daniel Lins. Rio de Janeiro: RelumeDumará, 2001. P. 95-104.
- FEITOSA, Charles. **Explicando a Filosofia com arte**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004.
- WARHOL, Andy. **A filosofia de Andy Warhol. De A a B e de volta a A**. Trad. José Rubens Siqueira. Rio de Janeiro: Cobogó, 2008.